



## **IV Encontro de Pesquisa PUCSP/TIDD 2011**

### **A literatura eletrônica e o futuro do livro: das paixões de George Steiner às propostas de Calvino**

Helem Alves Viana  
helemviana@gmail.com

Orientador: Sergio Roclaw Basbaum  
Aprendizagem e semiótica cognitiva

A pesquisa de que emerge esta apresentação, faz um trajeto pelas idéias de autores como Katherine Hayles, Italo Calvino e George Steiner, além dos estudos que Sergio Basbaum vem desenvolvendo em torno dos termos infocognição e tecnoestese.

Além de procurar pistas para sabermos lidar com a linguagem das novas formas de literatura, nosso interesse é, também, investigar as transformações na experiência de conhecimento mediado a partir de um entendimento do livro como interface cognitiva.

Falamos aqui de literatura, no entanto, buscamos teóricos que sejam, não apenas críticos literários, mas também romancistas. George Steiner no livro

*Nenhuma Paixão Desperdiçada*, afirma que o livro como o conhecemos irá deixar de existir e que “a essa altura, qualquer protesto nostálgico ou qualquer lamento seria tolice” (STEINER, 2001, p.10). Steiner reclama de “uma revolução de valores” – que, na verdade, seria a perda daquilo que nos leva a ‘ler bem’. Dentre tais valores, o silêncio - primordial para o “encordoamento da memória” e da demorada preparação do leitor que “veste-se para o grande evento” (ibidem, 2001, pp. 13-14).

Mesmo reconhecendo sua ignorância sobre os processos cognitivos de leitura em nossos dias, Steiner não deixa de lamentar a perda de princípios que considera essenciais para se alcançar uma total imersão no texto.

Um livro que não nos escapa à atenção é *\_não contem com o fim do livro*, que na verdade é uma conversa entre Umberto Eco e Jean-Claude Carrière. Apesar de serem célebres pensadores, com textos memoráveis, merecendo nossa leitura e citação, seu livro sobre os livros, não nos ajuda muito a compreender a complexidade da linguagem que leva a marca do digital.

O objeto livro e a forma com que lemos e nos expressamos, vem ganhando novos formatos, que não o texto escrito à mão ou impresso, há décadas. E, é inevitável não considerar a importância para a humanidade, de manifestações literárias feitas possíveis a partir do hipertexto, que não têm como suporte o papel impresso. Essa literatura será, inevitavelmente, considerada clássica, no futuro. Por isso, nosso interesse na literatura chamada eletrônica. Seu caráter experimental, híbrido, diverso, nos auxilia a compreender as

transformações nos modos perceptivos e cognitivos pelos quais estamos todos passando.

Katherine Hayles, respeitada crítica literária, vem desenvolvendo em suas aulas e textos, a relação entre ciência, tecnologia e literatura nos séculos XX e XXI. Seu livro *Electronic Literature*, lançado em 2008, é uma publicação intimamente ligada ao trabalho da ELO - *Electronic Literature Organization*. Seu livro é tido como um convite aos literatos a se atentarem para o fato de que a "literatura no século XXI é computacional" (HAYLES, 2008,p. 43).

Mas o que vem a ser Literatura Eletrônica? Hayles a define como sendo aquela que exclui literatura impressa que tenha sido digitalizada. Uma definição, criada por um comitê organizado pela ELO, liderado por Noah Wardrip-Fruim, é: "obra com um *aspecto literário importante* que aproveita as capacidades e contextos fornecidos por um computador independente ou em rede" (HAYLES, 2008, p. 3).

Parte do que Hayles se dispõe a fazer em seu livro é procurar investigar que capacidades e contextos são esses, fornecidos por um computador e sua ligação a uma rede. Ela acredita que a Literatura Eletrônica nos desafia "a repensar o que a literatura e o literário, pode fazer e ser"(HAYLES, 2008, p. 42).

Já que "a computação não é periférica ou incidental para a Literatura Eletrônica, mas central para sua realização, execução, e interpretação" (HAYLES, 2008, p. 44), por onde devemos começar a nos dirigir às suas questões? Talvez devamos, assim como Hayles, começar "por considerar as

capacidades cognitivas da computação para a participação em *loops* de realimentação recursiva, característico na escrita literária, leitura, e interpretação" (HAYLES, 2008, p. 44). Isso, sem "abandonar os ricos recursos dos modos tradicionais de se entender linguagem, significação e interação com textos." (HAYLES, 2008, p. 24). Hayles lista algumas questões prementes e, à partir delas, faz uma reflexão da coevolução, entre literatura e os meios digitais, guiadas pela linguagem literária, possível à partir da interação entre corpo e máquina, considerando as ligações entre corpo e mente, percepção e cognição, dos novos meios de estar e agir no mundo.

Os estudos que Sergio Basbaum vem desenvolvendo, relativos à experiência perceptiva agenciada pela onipresença da mediação digital (tecnoetése) e suas consequências cognitivas (infocognição), afim de pensar a arte das novas mídias, dialogam bem com os assuntos abordados por Hayles. Ambos argumentam sobre a importância das capacidades do sujeito corporificado em relação à arte nas mídias digitais e, da necessidade de uma coevolução entre os meios e o corpo encarnado, para compreendermos nossa presente condição social, em consequência, nossos modos de apreender o mundo.

Hayles, em seu argumento, ressalta o trabalho de Friedrich A. Kittler, que escreveu sobre o estímulo à leitura no século 19, e do surgimento dos meios técnicos como o gramofone e a máquina de escrever no século 20; e também o trabalho de Mark Hansen, no livro *New Philosophy for new Media*, que tem

como base uma ampla gama de filósofos neurofisiologistas e artistas digitais, "para argumentar que corporificação - especialmente afetiva, háptica, sinestésica, e capacidades proprioceptivas - são cruciais para converter os padrões de dados de informação de imagens digitais em imagens significativas." (HAYLES, 2008, p. 102)

Basbaum inquire "por uma natureza de uma *percepção digital* nas sociedades contemporâneas" (BASBAUM, 2005, p.5), evocando, primeiramente os estudos de Maurice Merleau Ponty, sobre a percepção, assim como os de Walter Benjamin, Marshall McLuhan e Vilém Flusser, autores "que atribuem grande importância à mediação tecnológica nos modos de perceber o mundo e formalizar o conhecimento." (Ibidem, p. 5) Ele nos convida a dar especial atenção, à uma liquidação da experiência, dizendo que "a intervenção tecnológica devora o passado e cria um tipo de ilusão em que o mundo e a cultura parecem ter sido como que re-inaugurados" (BASBAUM, 2005, p. 223).

A Literatura Eletrônica, por suas características heurísticas e psicológicas, tem uma posição privilegiada frente a outras formas artísticas, no auxílio da compreensão de nossa própria época. No entanto, o literário, acostumado à tradição do livro impresso, pode ter dificuldades para se voltar para os estudos dessa literatura específica. Um monstro alimentado pela "cultura dos games, filmes, animações, arte digital, design gráfico e pela cultura visual eletrônica." (HAYLES, 2008, p.4)

Se observarmos bem os movimentos dos estudos literários, iremos perceber que a disciplina tem abarcado, como bem coloca Hayles, os estudos culturais, pós-coloniais e de cultura popular. E iniciamos o século XXI com o desafio de levar nossos questionamentos literários para dentro do mundo digital.

Voltando nossos olhos para os "aspectos literários" das obras digitais, o que pode nos ajudar a compreender o que importa na literatura eletrônica? Nesse sentido, os pensamentos de Italo Calvino mais que pedem passagem e podem servir de base para identificar a boa literatura que seja nascida digital.

O autor nos deixa um registro precioso de sua busca sobre o que não está em jogo na literatura, sobre o que acredita ser inegociável, aquilo que ele chama de essência do dizer literário. E isso, em tempos de ebulição tecnológica dos modos de ler, escrever e pensar, no momento em escapa à compreensão de grandes pensadores do século XX.

Calvino participou de um importante movimento chamado OuLiPo - Oficina de Literatura em Potencial, fundada em 1960, com um trabalho que envolvia explorar questões de interatividade, multimídia, conectividade, telecomunicações, informação e abstração, e o uso de técnicas combinatórias e geradoras. (GERE, 2008, p. 79-80). E foi com métodos oulipianos que Calvino escreveu seu romance *O castelo dos destinos cruzados*.

Literatura Eletrônica é uma categoria muito diversa, contendo muitos gêneros e não é assim tão simples saber por onde começar sua análise. A primeira obra escolhida nesta pesquisa foi uma videoarte, que resultou em um

artigo chamado *Vina: fronteira entre o ontem e o amanhã da literatura e da videoarte*, apresentado no eixo temático “Educação, Processos de Aprendizagem e Cognição”, do IV Simpósio Nacional da ABCiber.

O critério utilizado para sua escolha foi por uma questão de gosto e, também, pelo desafio de lidar com uma narrativa composta principalmente por imagens. Nela, buscamos identificar os elementos que Italo Calvino considera essenciais para a literatura neste milênio.

Mas e o livro? O que dizer sobre o futuro do livro? Talvez o mais importante não seja nos atermos ao fim ou não do livro, ou nos preocuparmos sobre seus diferentes formatos, mas sim nos atermos à questão da linguagem ela mesma, ao que seja essencial e indispensável no dizer, até mesmo quando o que temos a contar não possa ser dito apenas com palavras.

## REFERÊNCIAS

BASBAUM, Sérgio: **O primado da percepção e suas consequências nos ambientes midiáticos**. Tese de doutorado em Comunicação e Semiótica. PUC-SP, 2005.

\_\_\_\_\_ (2006): **Consciousness and culture: The point of experience and the meaning of the world we inhabit**. Revista Eletrônica Informação e Cognição, v.5, n.1, p.181-203.

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas**. Trad. Ivo Barroso – São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ECO, U.; CARRIÈRE, J-C. **Não contem com o fim do livro**. Trad. A. Telles. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2010.

GERE, Charlie. **Digital Culture**. Reaktion Books Ltd. London, UK. 2ª Ed. 2008.

HAYLES, N. **Katherine**. **Electronic Literature**: New Horizons for the Literary. Indiana: University of Nortre Dame. Hayles, 2008.

STEINER, George. **Nenhuma paixão desperdiçada**. Trad. Maria Alice Máximo –Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

STEINER, George. **Os logocratas**. Tradução: Miguel Serras Pereira. Relógio D'água Editores, Fevereiro de 2006.

- VINA

<[http://www.youtube.com/watch?v=HMk\\_Q0s2ME0](http://www.youtube.com/watch?v=HMk_Q0s2ME0)>. (Vina) Acesso em 01 de dez. 2010.

<[http://palcodapalavra.blogspot.com/2006\\_07\\_01\\_archive.html](http://palcodapalavra.blogspot.com/2006_07_01_archive.html)>. Acesso em 01 de dez. 2010.